

## Rio+20: O espaço da comunicação no enfrentamento dos desafios globais <sup>1</sup>

Iara Maria da Silva Moya<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

*So our only real choice is to work for change. To transform the structures and institutions that shape the social world. To articulate a more credible vision for a lasting prosperity. The dimensions of this task are both personal and societal.*

Tim Jackson

### RESUMO

A realização da Rio+20, Conferência das Nações Unidas Sobre o Desenvolvimento Sustentável, mostrou ao mundo, ainda que de forma tímida e superficial, as condições de vida e de existência em nosso planeta. Os estudos dos mais diversos grupos e academias, preparados para subsidiar as discussões da Conferência, mostraram muito além do que foi dito: a questão dos limites planetários e os desafios globais decorrentes. Os temas principais tratados na Conferência, Economia Verde e Governança Global, são apenas o pórtico das questões em jogo, a sobrevivência da vida e do próprio planeta. Em um mundo em que a comunicação tem o poder de mudar realidades, é no espaço da comunicação que vamos ter de aprender a enfrentar os desafios globais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rio+20; comunicação; desafios globais; sustentabilidade.

### Introdução

Junho 2012. Os olhos do mundo voltados para o Rio de Janeiro acompanharam a Conferência da Organização das Nações Unidas - ONU (referenciada neste texto somente como ONU), Rio+20, um dos eventos mais importantes deste início de século que, literalmente, poderia propor e eventualmente até acionar uma revolução mundial.

Quase 50 mil pessoas passaram pelo Riocentro; a página da Rio+20 em português recebeu mais de um milhão de acessos na semana do decorrer da Conferência e no twitter foram contabilizados mais de um bilhão de acessos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP RP e Comunicação Organizacional, XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Ciências da Comunicação da ECA-USP, email: [iaiamoya@usp.br](mailto:iaiamoya@usp.br).

Na Rio+20, dois temas são dominantes, a Economia Verde e a Governança Global da sustentabilidade. Mas no subjacente aparece o tema fundante em toda a sua complexidade: as questões dos limites planetários e seu impacto efetivo que requerem uma mudança imediata do modo de produção e consumo, daí a Economia Verde como proposta.

No tratamento da questão do cuidado do planeta, a discussão da Governança Global da sustentabilidade tem por foco a definição tanto do organismo que terá essa responsabilidade, quanto do tamanho do recurso a ser utilizado. E a proposição de implantação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ODS, futura agenda para o mundo, pois este precisa se reorganizar com urgência. Os desafios globais e as fronteiras planetárias exigem respostas imediatas. Das chamadas 9 fronteiras planetárias, três já foram ultrapassadas de maneira irreversível. Já não cabe mais somente aos governos e às empresas a busca de soluções. O mundo precisa um novo jeito de viver e a comunicação tem o poder de mudar realidades. É no espaço da comunicação que vamos ter de aprender a enfrentar os desafios globais.

## **Rio+20**

No dizer de Leff (2007, p. 207) “a crise ambiental é a primeira crise do mundo real produzida pelo desconhecimento do conhecimento”. O quadro das mudanças climáticas, já fartamente divulgado e anunciado pela comunidade científica, é comprovadamente resultante da ação (irresponsável) do homem sobre o meio ambiente.

Nesse momento, os desafios globais exigem repensar o modelo de desenvolvimento com foco no crescimento econômico até agora adotado. Ainda segundo Leff (2007, p.193) “se a sustentabilidade constitui a marca de uma crise de uma época, isto nos induz a interrogar as origens de sua presença no tempo atual e também a projeção no sentido de um futuro sustentável”.

É o que está em jogo na Conferência das Nações Unidas Sobre o Desenvolvimento Sustentável, conhecida como “Rio+20”, em referência à conferência “Cúpula da Terra”, inicialmente chamada Eco-92 e depois, Rio 92.

A Rio+20 contou com a presença de inúmeros chefes de Estado, milhares de empresários do setor privado, vários representantes da comunidade científica mundial, inúmeras ONGs

internacionais, junto com os mais diversos participantes da sociedade civil, o que dá a dimensão da importância do evento.

Em pauta, o que fazer para salvar este mundo, ou, nos termos formais do discurso, conforme a resolução ONU GA 64/236, de 24/12/2009, a conferência pretendeu:

- i) assegurar um comprometimento político renovado para o desenvolvimento sustentável;
- ii) avaliar o progresso feito até o momento e as lacunas que ainda existem na implementação dos resultados dos principais encontros sobre desenvolvimento sustentável e
- iii) abordar os desafios novos e emergentes. (INSTITUTO VITAE CIVILIS, 2012, p. 2)

Traduzido para as questões concretas, o objetivo da Rio+20 foi reforçar e ampliar os compromissos com a sustentabilidade, tanto na perspectiva social de combate à pobreza, quanto na questão da preservação do meio ambiente, questão que já vem sendo pensada na perspectiva planetária, em seus aspectos vitais tais como os impactos das mudanças climáticas, perda de biodiversidade, busca de fontes de energia renovável, alimentação e água doce para toda a população da terra e como enfrentar e resistir aos desastres naturais que vão se intensificar cada vez mais.

Segundo a ONU, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (2012) estabeleceu dois temas principais: como desenvolver uma economia verde de forma a alcançarmos um desenvolvimento sustentável e tirar as pessoas da pobreza; e como ampliar a coordenação internacional para o desenvolvimento sustentável. Oficialmente, os temas foram assim estabelecidos: Economia Verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza e Quadro institucional para o desenvolvimento sustentável.

O debate não é novo. Em 2000, na Declaração do Milênio da ONU, no Tópico 1, Valores e Princípios, conforme o artigo 6, foram elencados alguns valores fundamentais para as relações internacionais no século XXI. O respeito à natureza mostrava a preocupação com o meio ambiente na busca da sustentabilidade, abordava a necessidade de cuidado com a biodiversidade e os recursos naturais e criticava os padrões de produção e consumo já então insustentáveis.

Consideramos que determinados valores fundamentais são essenciais para as relações internacionais no século XXI. Entre eles figuram:

Respeito pela natureza. É necessário atuar com prudência na gestão de todas as espécies e recursos naturais, de acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável. Só assim poderemos conservar e transmitir aos nossos descendentes as imensuráveis riquezas que a natureza nos oferece. É preciso alterar os atuais padrões insustentáveis de produção e consumo, no interesse do nosso bem-estar futuro e no das futuras gerações. (UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION, 2001, p.3 )

Um outro valor, a responsabilidade comum, assinalava a responsabilidade pela gestão do desenvolvimento econômico e social no mundo a ser partilhada pelos Estados multilateralmente, e a questão da governança nesse processo, que a ONU já estabelecia tomar para si.

Responsabilidade comum. A responsabilidade pela gestão do desenvolvimento econômico e social no mundo e por enfrentar as ameaças à paz e segurança internacionais deve ser partilhada por todos os Estados do mundo e ser exercida multilateralmente. Sendo a organização de caráter mais universal e mais representativa de todo o mundo, as Nações Unidas devem desempenhar um papel central neste domínio. (UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION, 2001, p.4 )

Como é sabido, se nesses vinte anos esses assuntos se tornaram populares nas esferas públicas e privadas, e passaram a integrar o discurso das organizações, pouco foi feito efetivamente nos dois sentidos.

### **Economia Verde e Governança Global**

Os dois temas que dirigiram as discussões na Rio+20, Economia Verde e Governança Global da sustentabilidade, têm por moldura a questão da sustentabilidade.

Historicamente o desenvolvimento sustentável foi apresentado como resultante da integração das dimensões econômica, social e ambiental, e definido no chamado Relatório Brundtland, como “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades”. (KUNSCH, 2009a, p. 59).

Entretanto, cabe assinalar que, na Declaração do Milênio de 2000, no Tópico IV - Proteção do nosso ambiente comum, no artigo 21, já está sinalizada a impossibilidade de se garantir os mesmos recursos para as próximas gerações:

Não devemos poupar esforços para libertar toda a humanidade, acima de tudo os nossos filhos e netos, da ameaça de viver num planeta irremediavelmente destruído pelas atividades do homem e cujos recursos não serão suficientes já para satisfazer as suas necessidades. (UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION, 2001, p.10)

Assadourian (2010), em artigo no relatório do Worldwatch Institute, faz referência ao estudo “Avaliação Ecosistêmica do Milênio (MA)”, realizado em 2005 com a participação de 1.360 especialistas de 95 países, no qual ficou constatado que 60% dos serviços providos por ecossistemas estavam sendo usados de modo inadequado ou não sustentável. Esses resultados levaram o próprio Conselho do MA a fazer um alerta: “a atividade humana está deformando de tal modo as funções naturais da Terra, que a capacidade dos ecossistemas do planeta sustentarem futuras gerações não pode mais ser dada como certa”. (ASSADOURIAN, 2010, p.4).

Em função de resultados como esse, somados aos novos eventos mundiais tais como as mudanças climáticas, a expressiva perda de biodiversidade, e às crises globais econômicas e financeiras, o conceito de sustentabilidade vem sendo ampliado, assumindo o papel de um objetivo normativo. Para o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA (2011) (a partir de agora citado no texto somente como PNUMA), a sustentabilidade é um objetivo vital a longo prazo.

No dizer de Veiga (2012, p.11), a sustentabilidade é o quarto ideal, a ser somado aos já conhecidos valores da modernidade: liberdade, igualdade e fraternidade. Em suas palavras:

Ai está, então, o maior desafio de nosso tempo: adotar padrões de consumo menos extravagantes e mais equitativos em sociedades que realmente cultivem os três grandes ideais da modernidade - liberdade, igualdade e fraternidade – acrescidos do quarto, que só emergiu no final do século XX, a sustentabilidade”.

Na visão do relatório do Painel de Alto Nível do Secretário Geral das Nações Unidas sobre Sustentabilidade Global (2012), a sustentabilidade deve considerar, para além do equilíbrio dos chamados pilares do desenvolvimento, econômico, social e ambiental, o combate à mudança climática e o respeito aos limites do planeta:

A visão de longo prazo do Painel de Alto Nível sobre Sustentabilidade Global é erradicar a pobreza, reduzir a desigualdade e fazer que o crescimento seja inclusivo e a produção e o consumo sejam mais sustentáveis, ao combater a mudança climática e respeitar diversos outros

limites planetários. (PAINEL DE ALTO NÍVEL DO SECRETÁRIO GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE SUSTENTABILIDADE GLOBAL, 2012, p. 18)

Ainda, conforme o mesmo relatório, aos “estilos de vida e padrões de produção e consumo insustentáveis” (PAINEL DE ALTO NÍVEL DO SECRETÁRIO GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE SUSTENTABILIDADE GLOBAL, 2012, p. 18) que respondem pelo aquecimento global e as mudanças climáticas, bem como pela exaustão de diversos recursos naturais, soma-se o impacto do crescimento populacional, com o aumento da população global de 7 para 9 bilhões até 2050. Em resumo, o atual modelo econômico está superado, frente aos novos desafios globais que se apresentam. Ou, como está no relatório:

O modelo de desenvolvimento global atual é insustentável. Não podemos mais presumir que nossas ações coletivas não irão desencadear pontos de ruptura ao ultrapassarem-se limiares ambientais, arriscando a ocorrência de danos irreversíveis tanto aos ecossistemas quanto às comunidades humanas. (PAINEL DE ALTO NÍVEL DO SECRETÁRIO GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE SUSTENTABILIDADE GLOBAL, 2012, p. 19)

Esse novo contexto mundial, planetário, vem demandar mudanças urgentes no paradigma econômico vigente e sinalizar a necessidade de “uma nova economia política para o desenvolvimento sustentável”. (PAINEL DE ALTO NÍVEL DO SECRETÁRIO GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE SUSTENTABILIDADE GLOBAL, 2012, p.20). Essa nova economia política é a Economia Verde.

Segundo o PNUMA (2012), a economia verde é definida como uma economia que busca o bem-estar da humanidade e a igualdade social, mas ao mesmo tempo reduz os riscos ambientais e a escassez ecológica. A economia verde tem como pressuposto a baixa emissão de carbono e poluição, a eficiência energética e a prevenção de perda de biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos. A economia verde não substitui o desenvolvimento sustentável; mas “é preciso tornar a economia mais verde para chegarmos lá”. (PNUMA, 2012, p.01-02)

A discussão do segundo tema do encontro, a Governança Global da sustentabilidade (antes tratado como um assunto secundário, ainda que pautado por questões de poder e financiamento), respondeu pelo sucesso da Conferência, ao menos na perspectiva da diplomacia brasileira. Segundo os comentários de analistas como Santanna (2012), a criação do Fórum de Alto Nível para o Desenvolvimento Sustentável “é a expressão

objetiva de um ganho intangível perseguido há décadas pela política externa brasileira: o avanço do multilateralismo”, que vai possibilitar as condições efetivas de cobrança, principalmente dos países ricos, para que façam a sua parte.

Na temática da governança também se inclui a definição e o controle dos indicadores de sustentabilidade a substituírem, a partir de 2015, os hoje vigentes Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, ODM.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ODS, devem ser estabelecidos como a nova agenda mundial e, certamente, terão que responder aos desafios globais, desde a questão da segurança alimentar ao controle dos desastres resultantes das mudanças climáticas.

### **Desafios globais e as Fronteiras Planetárias**

A realização da Rio+20 mostrou-se uma grande oportunidade na produção de estudos e reflexões sobre o encaminhamento da discussão da sustentabilidade planetária nos mais diversos níveis. Os estudos científicos e acadêmicos se acumularam, juntamente com aqueles desenvolvidos pelas organizações internacionais e diversos grupos da sociedade civil.

Um dos trabalhos mais conceituados foi realizado em 2009, pelo Centro de Resiliência de Estocolmo, sob a coordenação de Rockström (2009), junto com diversos cientistas proeminentes, tendo como tema central os limites do planeta. No estudo foi definido um padrão de risco para o planeta e a humanidade, e foram estabelecidas nove fronteiras planetárias que formam o chamado “espaço de operação seguro para a humanidade”. São elas: Mudança climática; Erosão da biodiversidade, Ciclo do Nitrogênio (e Fósforo), Depleção da camada de ozônio, Acidificação oceânica, Uso global de água doce, Mudanças no uso da terra, Concentração de aerossóis atmosféricos, Poluição química.

Os resultados da Conferência, entretanto, segundo Rockström (2012, p. C7), foram, “do ponto de vista científico, uma irresponsabilidade total”, conforme declarou na entrevista a Claudio Angelo, no jornal Folha de São Paulo. A conferência não assumiu o reconhecimento dos limites do planeta, alguns já transpostos, como mudança climática, biodiversidade e o ciclo do nitrogênio. E critica o texto final: “O texto não reflete a urgência que enfrentamos. É uma enorme encruzilhada para a humanidade. Se não acertarmos agora, será tarde demais: a Rio+30 não vai resolver. Então há razão para preocupação”.

Entre os principais desafios globais, a questão energética é fator central, sendo as energias fósseis um dos maiores responsáveis pelas mudanças climáticas, respondendo por cerca de 60% do total de emissão de gases de efeito estufa. Portanto, reduzir a intensidade de carbono da energia é meta fundamental para os objetivos climáticos.

A esse tema somam-se outros tais como a questão da água doce e dos mares e oceanos; segurança alimentar e agricultura sustentável; a resiliência (capacidade das pessoas e lugares de resistir ao impacto das tragédias) aos desastres naturais.

### **A comunicação no enfrentamento dos desafios globais**

Em um dos estudos para a Rio+20, o *Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat*– DESA (2011, p.v) reproduz uma expressão, largamente adotada pela ONU em seus mais diversos documentos: “*business as usual*” is not an option. Essa expressão, de certa maneira singela, afirma e até mesmo impõe, a necessidade de mudança. Isto é, significa que não é mais possível fazer as coisas como vêm sendo feitas. E não é mais possível porque, como visto, já foi ultrapassada a linha de segurança.

As organizações, nesse contexto, têm papel fundamental. Os governos são chamados a assumir a liderança na preparação de políticas e estratégias que venham a promover a sustentabilidade.

Sobre as empresas recai a responsabilidade de fazer as escolhas certas para o futuro. Como diz Assadourian (2012, p. 87) “ Os negócios são uma instituição poderosa e desempenharão um papel fundamental no nosso futuro — seja esse futuro uma era de sustentabilidade ou de reação ao crescente declínio ecológico”.

A sociedade civil, por sua vez, não pode esperar o Estado e o Capital redesenhem os modos de produção e consumo, e precisa ela também buscar sua participação de forma intensiva nesse processo.

Como diz Costanza et al. (2012, p. 95), as mudanças virão de qualquer maneira e virão impulsionadas por crises. E continua:

Se essas crises levarão ao declínio ou ao colapso, seguido de reconstrução básica, ou a uma transição relativamente suave para um futuro sustentável e desejável dependerá da capacidade das pessoas de perceber as mudanças necessárias, e desenvolver novas culturas e novas instituições.

Na concepção de Pérez e Massoni (2009), a matriz social do século XXI tem por base a tríade: comunicação, estratégia e consenso. Na defesa dessa proposição, os autores

consideram que, nesse início de milênio, as estratégias de comunicação estão substituindo as outras estratégias baseadas no uso da força. Isso significa que não só os meios estão mudando, de coercivos passam a ser persuasivos, como também os fins, que buscam cada vez mais soluções e acordos.

Nos textos de Kunsch (2009a), Marchiori (2008) e Baldissera (2008) há o entendimento da comunicação como formativa da realidade, e até mesmo fundante. Há um pressuposto primeiro que dá à comunicação o estatuto de produto e produtor da realidade. No dizer de Marchiori (2008, p.180), “a forma como comunicamos tem consequência direta no tipo de vida que levamos, no tipo de relacionamento que criamos e no tipo de comunidade que construímos”.

Nesse sentido, comunicação e cultura estão indissolúvelmente vinculadas. E o mesmo vale no contexto da organização. Conforme Marchiori (2008, p.183-184), a realidade organizacional só pode ser compreendida no contexto de sua cultura, e a cultura é “constituída e reconstituída em comunicação” assim, a “visão comunicativa de cultura organizacional acaba por ver comunicação como constituinte da cultura” até porque “o processo de cultura é construção de significados.” Então, a “cultura e a comunicação organizacional são indissociáveis e dependentes”.

Na abordagem da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO (2011), a cultura e a comunicação são fatores aceleradores para a chamada transição verde, a preparação da sociedade para os novos modos de viver. A instituição de uma cultura de sustentabilidade deve ter na educação e na comunicação as suas bases.

Por sua vez, a organização é feita de pessoas e, como diz Baldissera (2008, p.168) “a idéia de relação é um pressuposto tanto para a noção de comunicação quanto para a de organização”. E continua: “é na e através da comunicação que se materializam seus processos organizadores, tornando a organização comunicante, comunicada e fazendo com que seja (re)conhecida”. No dizer de Kunsch (2009b, p.70), “é necessário voltar-se para a comunicação entre as pessoas, uma vez que os seres humanos não vivem sem se comunicar”.

Nessa perspectiva, o planeta pede urgência na mudança dos modos de ver a vida. Mais do que usufruir é preciso um novo entendimento de responsabilidade social compartilhada. Para Kunsch (2009a) cabe às organizações um papel decisivo na incorporação e assimilação da sustentabilidade sendo a comunicação seu arcabouço. Todos somos responsáveis pela situação de nosso planeta. Em um mundo em que a comunicação tem o poder de mudar

realidades, é no espaço da comunicação que vamos ter de aprender a enfrentar os desafios globais. Na disseminação do conhecimento e na busca de soluções comuns.

## REFERÊNCIAS

ASSADOURIAN, E. Ascensão e queda das culturas de consumo. In The Worldwatch Institute. **O Estado do Mundo 2010: Transformando Culturas**. Do consumismo à sustentabilidade. Salvador, BA: UMA Editora, 2010.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional: uma reflexão possível a partir do paradigma da complexidade. In: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; SOARES, Ana Thereza Nogueira (orgs.). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora. 2008, p.149-177.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (Rio+20). **O futuro que queremos**. Documento final da Conferência, 2012. In <http://www.onu.org.br/rio20/documentos/>. Acesso em 22/06/2012.

COSTANZA, R. FARLEY, J. KUBISZEWSKI, I. Adaptando as Instituições para uma Vida em um Mundo Cheio. In The Worldwatch Institute. **O Estado do Mundo 2010: Transformando Culturas**. Do consumismo à sustentabilidade. Salvador, BA: UMA Editora, 2010.

Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat – DESA. World Economic and Social Survey 2011: **The Great Green Technological Transformation**. Nova York: Nações Unidas, 2011.

In <http://www.zeeli.pro.br/2690>. Acesso em 10/04/2012.

INSTITUTO VITAE CIVILIS. **Rio+20: as informações essenciais**. São Paulo: Instituto Vitae Civilis, 2ª edição, abril 2012.

JACKSON, T. **Prosperity without growth** – Economics for a Finite Planet. London: Earthscan, 2009.

KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). **A comunicação na gestão da sustentabilidade das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009a.

KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). **Comunicação organizacional**. Vol. Histórico, fundamentos e processos. São Paulo: Editora Saraiva, 2009b.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 4ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

MARCHIORI, Marlene. Comunicação organizacional e perspectivas metateóricas: interfaces e possibilidades de diálogo no contexto das organizações. In: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; SOARES, Ana Thereza Nogueira (orgs.). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora. 2008, p.170-200.

PAINEL DE ALTO NÍVEL DO SECRETÁRIO GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE SUSTENTABILIDADE GLOBAL. **Pessoas Resilientes, Planeta Resiliente: um Futuro Digno de Escolha**. Nova York: Nações Unidas, 2012.

In <http://www.onu.org.br/docs/gsp-integra.pdf>. Acesso em 15/05/2012.

PÉREZ, Rafael Alberto e MASSONI, Sandra. **Hacia una teoría general de la estrategia**. Barcelona: Editorial Ariel, 2009.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE – PNUMA. Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável e a Erradicação da Pobreza – Síntese para Tomadores de Decisão. PNUMA, 2011. [www.unep.org/greeneconomy](http://www.unep.org/greeneconomy)

In [http://www.pnuma.org.br/publicacoes\\_detalhar.php?id\\_publici=92](http://www.pnuma.org.br/publicacoes_detalhar.php?id_publici=92). Acesso em 18/03/2012.

ROCKSTRÖM, J. et al. **A safe operating space for humanity**. In Nature no. 461, 24 de setembro de 2009, p.472-5.

ROCKSTRÖM, J. Inação está levando o planeta ao limite, entrevista de Claudio Angelo, **Folha de São Paulo**, 25 de junho de 2012, p. C7.

SANTANNA, Lourival. Fórum criado na Rio+20 fiscalizará o cumprimento dos compromissos. **O Estado de São Paulo**, 25 de junho de 2012.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION – UNESCO. **Des économies vertes aux sociétés vertes**. L’engagement de l’UNESCO pour le développement durable. Paris: Unesco, 2011.

In <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002133/213311f.pdf>. Acesso em 25/04/2012.

UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION. **Declaração do Milênio**. DPI/2163 - Portuguese – 2000. Lisboa: United Nations Information Centre, 2001.

In <http://www.unric.org/html/portuguese/uninfo/DecdoMil.pdf>. Acesso em 03/04/2012.

VEIGA, José Eli. O nexos socioeconômico da agenda global, in: Wagner Costa RIBEIRO (org.) **Governança da ordem ambiental internacional e inclusão social**. São Paulo: Ed. Annablume, 2012.